

flôr de sonho

CONTIGO desfolhei, no jardim florido da minha adolescência, as primeiras pétalas da inquietação. Meu cérebro insatisfeito, que mal desabrochava ainda para a vida, necessitava da tua visão, necessitava do teu conforto... e, minha alma virgem, aspirava, suavemente, teu doce odor que, sobre minha carne, vinha pousar o primeiro ósculo do desejo.

Nesse período bonançoso da minha existência, tive-te sempre, junto de mim, Flor de Sonho. Embalado na tua imagem, eu caminhei, caminhei para o seio das tempestades da vida, do tumulto das paixões, enquanto, esquecida um pouco nos fragôres tempestuosos da procela, continuavas-me entoando, muito baixinho, quasi a murmurar, essa canção de ternura que apenas tu sabes cantar...

A declivagem íngreme duma vida tormentosa, fez-me esquecer-te um pouco; perdoa-me! meu pensamento louco, empolgado na voragem das paixões, só tinha uma Deusa: a Ideia; só tinha um amor: o Dever.

Mas, sempre que fugindo do buliço me encerrava na Solidão, tua imagem sublime—Flor de Sonho e de Quimera—amenizava,

com sua presença, o tumultuar inquieto de minha imaginação ardente.

Uma noite—rugia em mim, forte, o vendaval da desesperança—, tu vieste quando eu dormia já. Chegaste, levemente, bailando na magia ondulante de tuas formas harmoniosas. Tua boca carminosa, semelhava um botão de rosa... Abri meus braços para que tu, enlanceada, neles caíesses, imagem amada. Teus olhos adquiriram extraordinário fulgôr e, ciciante, como uma carícia, pronunciaste uma só palavra: Amor...

Os nossos espíritos, integrados num mesmo eflúvio de inquietação, realizando-se na amplitude das suas energias criadoras, constituíram a suprema harmonia!

Mas, tudo isto fôra apenas um sonho!

Desperto, eu deparei com o meu leito deserto... e minha pobre alma atormentada, feita para amar, sangrou de dôr... Vi-me de novo só, muito só, num mundo adverso... e alçado nas asas do desespero, eu chorei minha Solidão...

...A calma voltou por fim, mas tua imagem, esfumada, qual sombra obcecante, continua torturando-me. Sinto a dôr pro-

funda de não poder realizar o amor na sua mais divina essência, por amar o que não existe... Eu nunca te vira senão em imaginação, eu nunca te tocara senão em sonho...

Na multidão enorme que, por mim, passa sussurrante, eu te procuro. No afã de te encontrar, tudo esqueço. E' árida, pesada, terrível, a vida sem ti!

Eu quebro o meu silêncio, só para clamar, no deserto imenso onde te não encontro, tua ausência desesperante...

Vem, imagem saúdosa, dar-me na vida, essa Felicidade quimérica que, em sonhos, nós ambos disfrutámos!

Quero ter-te de novo, sentir sempre a meu lado a tua presença real, porque, apenas tu, sabs compreender estes anseios, estas dôres e ilusões!

E na noite desolada da minha existência, fico clamando sempre:

Vem, amada minha, esperote!... Realizaremos nossos sonhos de ventura, lutaremos na vida sob os raios luminosos de mútuas esperanças, e, quando o fogo juvenil que nos empolga tiver fenecido um pouco, na quietude mansa das tardes outonais, desfolharemos juntos, nossos derradeiros roseirais...

J . A . M A C H A D O

D E L I V R O S

Cultura e Bibliotecas

—Fernando Pinto Loureiro
—Coimbra Editora, Limitada

Por muito troglodita que possa ser ou parecer a nossa opinião, a verdade, a gritante verdade, é que pertencemos ao número daqueles que não abdicamdo um ápice do humano desejo de saber, discordamos em absoluto, por isso mesmo, de todas as restrições impostas à leitura—manancial inexgotável de muita dúvida, refrigerio de muita dôr e lenitivo de muita mais esperança.

Que nos importa, pois, a existência de alguns hiper-críticos—os quais fazem reparos ao mau aproveitamento da leitura, nas Bibliotecas Públicas—se, por contra-partida, não ignoramos, consoladoramente, que os benefícios prestados pela leitura livre, sem peias, sem restrições de espécie alguma, são incalculáveis?

Fará sentido, porventura, tentar dirigir a leitura àqueles que

freqüentam as Bibliotecas? Não, sem dúvida alguma. E' essa leitura atrabiliária, caótica, sem numo e sem finalidade, mesmo; devorando tudo quanto seja susceptível de ser lido que, tempos passados, começa a formar-se aquillo a que ousamos chamar a personalidade do autodidacta.

Esta é, por muito troglodítica que possa ser ou parecer, a nossa opinião...

//

Não será êste, por certo, o caso do presente trabalho do bibliotecário coimbricense F. Pinto Loureiro. O autor de «Cultura e Bibliotecas», em escassas 23 páginas, foca o problema sob outros aspectos, bem curtos e louváveis, por sinal. Qualis são êles? Rebater a tese anti-bibliotecária de Cruz Malpique e Ortega e Gasset, bem curiosos e louváveis, em resumo, que as bibliotecas são responsáveis pela leitura «simplesmente receptiva», amollosando a intelligência, o que permite a enorme quantidade de eruditos, papagueadores impenitentes que por aí abum-

dam a fingir de sábios de via reduzida.

O autor, com argumentação sólida e honesta, pulveriza estas opiniões, e termina o seu valioso trabalho por definir qual deve ser a função do Bibliotecário moderno, já tam longe daquele seu distante antecessor, que burocráticamente se limitava a conservar os livros à sua guarda.

«O Bibliotecário deve ser um técnico de bibliografia» e «como todos os técnicos, deve limitar-se a fornecer os meios, os processos a aplicar para dar realiação a certos fins».

A definição é completa, justa. Deste lugar felicitamos efusivamente Pinto Loureiro pelo seu magnífico e oportuno trabalho, lamentando—a franqueza a cima de tudo—que não tivesse a pequena coragem de meter no valioso estudo «Cultura e Bibliotecas», o necessário, o indispensável sub-título: «Conselhos aos bibliotecários portugueses».

E' êste o grande senão que encontramos.

EDUARDO BRAGA